

Solidariedade organizacional, um contraponto desde a visão da organização não convencional.

Cesar Renato Ferreira da Costa (Unicentro) - professorcesarrenato@hotmail.com

Rene Seifert (UTFPR) - r.e.seifert@gmail.com

Resumo:

A solidariedade tem sido definida por unir de forma mútua sujeitos, nos mais diversos compostos sociais. Nas organizações convencionais, orientadas pelo paradigma dominante capitalista, estudos sobre o tema são recorrentes nas Ciências Sociais Aplicadas, e a solidariedade organizacional se descreve em bases como acumulação de capital, eficiência e orientação para mercado. Esta pesquisa exploratória, estudando o caso de uma organização não convencional, o Curto Café, onde não há pesquisas relacionadas nesses termos, buscou estabelecer as bases da solidariedade a partir das manifestações que a distingam de organizações convencionais. Tais bases de solidariedade foram definidas, a partir da análise de dados empíricos, como sendo, suficiência, convivialidade e orientação comunitária. Conclusivamente, tais resultados foram relacionados em triangulação com teorias sociológicas recorrentes na modernidade, e outras mais contemporâneas, que tratam de alguma forma a solidariedade, a partir de uma perspectiva crítica, possibilitando assim um confronto de bases da solidariedade em organizações convencionais, com àquelas definidas como não convencionais.

Palavras-chave: *Solidariedade, convencionais, crítica, contraponto.*

Área temática: *GT-21 Organizações Alternativas e Contra Hegemônicas*

Contextualização

A solidariedade constitui condição básica da experiência humana associada, como elemento amalgamador dos compostos sociais, onde os atores se obrigam uns com os outros e cada um deles com todos. Nos Estudos Organizacionais há convergência em apresentá-la pelo conjunto de bases, construídas historicamente, que garantam solidez à uma determinada realidade organizacional.

Em sua concepção moderna, investigada nas Ciências Sociais Aplicadas, especialmente na área de Administração, as bases da solidariedade somente se referem às organizações burocráticas, orientadas pela convenção do modo de produção capitalista. Contudo, enclaves de resistência apontam para experiências organizacionais historicamente não alinhadas às convenções, impostas pelo projeto organizacional modernista, cujas bases da solidariedade então, supostamente sejam distintas.

De acordo com Silva (2010) reflexões sobre a solidariedade tem origem na filosofia grega, a partir da ideia de cosmologia dos seres e da idealização da vida coletiva. Diálogos socráticos, na obra “República” de Platão (2002), pressupõe a convivência social justa e harmoniosa pela solidariedade, quando “cidadãos participarão em comum dos interesses de cada indivíduo particular, interesses que considerarão como seus próprios, e, em virtude dessa união, todos participarão das mesmas alegrias e das mesmas dores” (Silva, 2010).

Na leitura de “A Política” de Aristóteles, Silva (2010) analisando a frase do filósofo, que diz ser “o homem um animal cívico, mais social do que as abelhas e outros animais que vivem juntos”, percebe a solidariedade pela inclinação natural que leva os homens a esse gênero de sociedade.

A solidariedade torna-se mais recorrente na idade média (Huberman, 1981), onde passa a ser percebida como elemento mediador instrumental das sociedades, em uma retomada da visão filosófica, baseada especialmente nas ideias de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, compondo as origens de uma doutrina social da igreja (Avelino, 2005).

A ascensão da classe burguesa, respaldada pela emergência de um novo modo de produção e pelo fortalecimento do homem como indivíduo, percebida por Huberman (1981) e Pirenne (1963), manifestou ideias iluministas, que apresentaram a solidariedade em outras formas de composição social. Neste formato, emerge o sentido moderno de solidariedade, fundamentado em uma visão racional antropocêntrica do ser humano.

A modernidade inaugura um conflito histórico entre modos de produção revolucionários e organizações tradicionais (Marx, 2006). De um lado emergem organizações econômicas industriais, e de outro, resistem as “corporações de ofício” e “guildas”, ainda orientadas pelo modo de produção tradicional, com práticas agrícolas e artesanais.

As mudanças socioeconômicas ocorridas na modernidade provocaram profundas reflexões no campo das Ciências Sociais, destacando autores clássicos da sociologia moderna como Marx (2006), Weber (2002) e Durkheim (1996).

A “solidariedade internacional”, que moveu movimentos da política mundial no século XIX tem, segundo Meszáros (2004), origem na teoria marxista, e na filosofia comunista. A distinção entre “solidariedade associativa” e “solidariedade de parentesco” apontadas por Bendix (1986) no trabalho de Weber, forneceu ao sociólogo alemão elementos fundamentais para construir sua teoria de ação social. De modo mais determinante, a “solidariedade social” descrita pelo próprio Durkheim (2007), separa as práticas medievais da modernidade, quando descritas como “solidariedade mecânica” e “solidariedade orgânica”, respectivamente.

Mais contemporaneamente, outras reflexões despontaram no sentido de discutir a solidariedade, como a Dádiva (Mauss, 2002), a Convivialidade (Illich, 1976), o Bem Viver (Walsh, 2010), a Economia de Comunhão (Lubich, 2002), a Economia Solidária (Singer, 2002) e a Responsabilidade Social Corporativa (Ashley, 2005).

No caso da contraposição que se pretende nesta pesquisa, introdutoriamente pode-se estabelecer como distinção entre organizações convencionais e não convencionais, as bases que sustentam cada uma delas, sendo às convencionais, reconhecidas pela (a) acumulação de capital, (b) eficiência técnica e, (c) orientação para o mercado, versus outras bases de solidariedade não convencionais, e que são oposição às primeiras.

A presente pesquisa está orientada para a investigação das bases e manifestações da solidariedade no contexto das experiências organizacionais não convencionais ao modo de produção capitalista, e a partir dos resultados analisar relações entre estas e outras, convencionais. A pesquisa empírica se baseou em um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, desenhado na forma de estudo de caso em profundidade e movido por observação participante, na cafeteria carioca Curto Café, sugerida a priori como não convencional.

Objetivos

Objetivo Geral:

Investigar quais as bases da solidariedade e como se manifestam na organização Curto Café, uma iniciativa de organização não convencional, contraposta à lógica dominante do sistema de produção capitalista.

Objetivos específicos:

- Descrever a forma de organização que caracteriza o Curto Café em termos de sua estrutura, processo e fronteiras organizacionais;
- Descrever as principais manifestações de solidariedade na forma de organização Curto Café;
- Identificar as bases da solidariedade na organização Curto Café;
- Analisar como a solidariedade, característica no Curto Café, orienta sua forma/modo de organização.

Metodologia

A estratégia de pesquisa teórico-empírica tem caráter exploratório qualitativo e natureza indutiva. Esta perspectiva justifica-se em função do estudo ter como objetivo a investigação em profundidade das bases e manifestações da solidariedade em uma organização tomada como não convencional, o Curto Café, e sua contraposição crítica com organizações convencionais, apresentadas no trabalho teoricamente.

Como observam Bryman e Bell (2003), a estratégia qualitativa de natureza indutiva é apropriada em estudos que exigem profundidade teórica e explanação dos fenômenos. A perspectiva indutiva justifica-se em função da interação dinâmica entre os resultados da pesquisa empírica e os elementos de apoio teórico na produção de conhecimento (Bryman e Bell, 2003). Ainda, apoiado na visão de Burrell e Morgan (2008), estudos desta natureza se caracterizam pela construção do conhecimento durante o decorrer do processo de realização empírica da pesquisa.

É importante ratificar que o estudo alinha-se a uma perspectiva social e organizacional crítica, apoiados em contrapor resultados empíricos a postulados formulados teoricamente, a partir de teorias sociológicas relacionadas à modernidade e outras, mais contemporâneas e que tratam sobre a recorrência da solidariedade.

Segundo Alvesson et. al. (2003), estudos organizacionais com abordagem crítica são aqueles que, de alguma forma, promovem uma reordenação do pensamento das teorias e práticas dominantes de gestão e organização. Estudos dessa natureza, ainda são capazes de contrapor paradigmas secularizados e que não respondem às demandas sociais, especialmente na relação de dependência com as organizações (Alvesson et. al. 2003).

A abordagem crítica, então, é uma escolha que pretende estabelecer as contraposições que informam este estudo. Como se observou, estudos sobre a solidariedade têm, desde a

modernidade, favorecido entendimentos racionalistas de natureza utilitária e instrumental sobre o termo. Tal constatação reforça a necessidade desta contraposição crítica que, tanto resgate entendimentos esquecidos, como lance luz sobre formas de organização fundamentadas em bases alternativas sobre a solidariedade.

Nestes termos, a perspectiva crítica orienta-se pela possibilidade se discutir o problema de pesquisa aqui apresentado, como sendo: Quais são as bases da solidariedade e como se manifestam em uma organização não convencional na contraposição ao modo de produção capitalista (O caso do Curto Café)?

O delineamento empírico deste estudo se caracteriza por uma pesquisa de caráter exploratório, conduzido a partir de estudo de caso em profundidade, proposto por Stake (2005). O Estudo de caso é um modo de investigação recomendado para estudos indutivos, porque os modelos e os detalhes específicos organizados podem ser observados face às ocorrências no campo, e serem analisados concomitantemente às suas reproduções.

A etapa empírica deste estudo foi conduzida na Cafeteria Curto Café, na cidade do Rio de Janeiro, em função da associação do caso ao que se inferiu como organização não convencional, percebida em uma visita no final de 2013.

A coleta de dados foi produzida em observação participante (Angrosino, 2006), e foi organizada de modo geral por notas em cadernos de campo, fotografias de observações peculiares, entrevistas escritas, conversas informais e estruturadas, documentos e investigação em redes sociais eletrônicas.

Especificamente às narrativas, os instrumentos de coleta foram entrevistas semiestruturadas, como sugere Richardson (1999), com frequentadores do Curto Café, tanto quanto, manifestações mais amplas tomadas em história oral, proposta por Sebe (2005) e selecionadas para a narrativa das pessoas ligadas diretamente com a história e operação do dia a dia na cafeteria carioca.

Para atender princípios básicos da análise qualitativa, como descreve Bryman e Bell (2003), os dados foram organizados a partir de critérios rígidos, com transcrição total dos testemunhos gravados, seleção de fontes primárias e secundárias com coerência e aderência ao problema de pesquisa.

Nesse ponto da fase empírica da pesquisa, Stake (2005) aborda que já é possível uma triangulação dos dados adquiridos, com conteúdos teóricos que informem sobre estruturas e construção social do fenômeno pesquisado e uma interpretação que tenha na sua essência uma contraposição crítica, como descreve Alvesson et. al. (2003). No caso desta contraposição a estruturas organizacionais reconhecidas e aceitas, como se propõe a pesquisa, a recomendação de Alvesson et. al. (2003) é adequada, na medida em que tal procedimento favorece a condução de novas perspectivas.

Na triangulação, Stake (2005) observa os cuidados necessários com relação a analogias e generalizações. De acordo com o autor, cada caso tem sua própria dimensão, e alguns aspectos, por mais que possam advir da mesma categoria selecionada, não devem ser generalizados.

Resultados

As manifestações da solidariedade são tomadas como os reflexos que permitem a identificação das bases da solidariedade. Entende-se que tais manifestações podem ser observadas em diferentes instâncias da realidade organizacional. Ao longo da imersão realizada no dia a dia do Curto Café, foi possível reconhecer diferentes manifestações da solidariedade. Estes acontecimentos foram registrados, segundo a sua incidência, influência e circunstância, quando buscava se responder a pergunta: Quando se chega ao Curto Café, o que chama atenção a ponto de se pensar em algo diferente?

Dentro do propósito de apresentar tais manifestações com fidelidade às formas que foram observadas, são descritas a seguir, como sendo as principais manifestações da solidariedade, na ordem de importância que foram percebidas quando da coleta dos dados.

Livre Contribuição: Atualmente os produtos no Curto Café não tem preço, e a receita arrecadada é originária da livre contribuição feita pelos frequentadores que consomem os produtos disponíveis, quais sejam, café como bebida e sua matéria prima torrada, em grão ou moída.

Nesse termos a livre contribuição se define, de forma resumida, como ação mútua que permita acesso ao espaço e consumo de café a todos, contudo tal liberdade se orienta pela a ideia de justiça ao custo real de um produto, e pelo caráter indispensável da responsabilidade de todos pela manutenção da estrutura que o viabiliza, caracterizando assim a existência de solidariedade organizacional.

Ambiente Integrador: Quem imagina uma cafeteria onde as pessoas são recebidas com efusivos abraços e se acomodam imediatamente em volta de uma máquina de café, com a naturalidade de quem está em casa? Como se descreve um espaço que deveria ser orientado para a venda de café, mas que eventualmente se serve café de graça ou se atribui a quem tomou a responsabilidade do “pagamento”?

Dados tais questionamentos, de forma resumida, é possível entender pelas respostas, o ambiente integrador como resultante de ações, eventos e comportamentos, naturais e afetivos, no dia a dia do Curto Café, movido pela identidade das pessoas e características da própria organização, provocando um sentido coletivo de bem estar e liberdade, que por isso mesmo provoca em todos a decisão de cada um estar no espaço constantemente.

Autonomia e Emancipação Inclusiva: O trabalho e as formas como se reproduz, se revelam significativamente diferenciados dos processos formais. Quanto mais as pessoas estão envolvidas no processo como um todo, e sobre ele possam tomar decisões necessárias a partir de sua própria convicção e conhecimento, mais a organização é sentida por todos.

Este aspecto de livre ação se torna caráter circunstancial da autogestão e da tomada de decisão participativa. Essa forma de organizar devolve aos envolvidos uma condição de autonomia emancipatória que inclui todos os que participam de alguma forma nesta Comunidade do Café,

Ausência de Propriedade Privada: No Curto Café não é incomum que pessoas que cheguem nas primeiras vezes fiquem muito curiosas e perguntem: Quem é o dono? De quem são as máquinas? Quem é patrão? Quem é empregado?

Exceto pelos conjuntos de produção de café, composto pelas máquinas e moedores, locadas de terceiros, nada do que se vê pode ser atribuído a uma propriedade exclusiva.

Nem um dos fundadores do Curto Café, nem qualquer outra pessoa, interna ou externamente, reconhece propriedade do que há na cafeteria, primeiro porque não parece que alguém queira estabelecer tal vínculo material, segundo porque há entre todos o consenso de que tudo o que há na cafeteria é de uso coletivo e desta forma pertence ao todo e não a alguém individualmente.

De modo muito reduzido, necessário a esse formato de resumo, tais manifestações acima sinalizam as bases da solidariedade que sustentam o Curto Café. Após uma análise de como as manifestações ocorrem, se chega então a inferência que tais recorrências são produtos de bases ditas como, suficiência, convivialidade e orientação comunitária.

Retomando a relação dialética na contraposição das bases e considerando as bases já apresentadas, que caracterizam as organizações convencionais ao modo de produção capitalista, é possível se estabelecer um quadro que contraponha estas bases convencionais com estas percebidas quando analisadas as manifestações recorrentes no Curto Café, como apresentado a seguir:

Quadro - BASES DA SOLIDARIEDADE NAS ORGANIZAÇÕES	
CONVENCIONAIS	NÃO CONVENCIONAIS
Acumulação de Capital	Suficiência
Eficiência	Convivialidade
Orientação Mercado	Orientação Comunitária

Fonte: Análise com Triangulação Teórica Empírica

Conclusões

Um contraponto efetivo entre organizações convencionais e não convencionais, são produto de análises muito complexas, que tem se construído ao longo de muitos anos nos estudos organizacionais, e não tem resposta definitiva em nenhuma perspectiva, contudo esta pesquisa foi empreendida com o propósito de revelar as bases e manifestações da solidariedade no Curto Café, e tais resultados serem também orientadores da discussão

A discussão originária desta pesquisa em particular buscou contrapor, a partir de uma interpretação eminentemente crítica, organizações convencionais (no caso do Curto Café) e não convencionais.

Em uma consideração analítica, relacionada estritamente a observação em si, as bases da solidariedade identificadas no Curto Café foram, respectivamente (1) suficiência, (2) convivialidade e, (3) orientação comunitária, que revelam uma contraposição direta e objetiva, do ponto de vista do sentido significativo das bases enumeradas para organizações convencionais, ditas como sendo (1) busca pela acumulação progressiva de capital; (2) eficiência técnica e (3) orientação de produção para o mercado.

No estudo de caso em referência, o propósito foi de levantar bases de solidariedade que fossem produtos de manifestações não movidas pelo paradigma do sistema socioeconômico dominante, e a partir desses resultados promover critérios para pesquisas futuras, que completem a proposta científica de reconhecer outras organizações produtivas, diferentes das convencionais, e que possam lançar luz a novas perspectivas organizacionais no futuro.

Referências

- Alvesson, Mats, and Wilmott Hugh. (2003). **Studying management critically**. London: Sage Publications.
- Angrosino, M. e Flick, U. (2006). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.
- Ashley, Patrícia Almeida. (2005) **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo. Editora Saraiva.
- Avelino, Pedro Buck. (2005). Princípios da solidariedade: imbricações históricas e sua inserção na constituição de 1988. São Paulo: **Revista do Direito Constitucional e Internacional**, n. 53, p. 228. out/dez.
- Bendix, R. (1986). **Max Weber – um perfil intelectual**. Brasília. Editora Universidade de Brasília.
- Bryman, Alan and Bell, Emma. (2003). **Business research methods**. Oxford: Oxford University Press, New York.
- Burrell, G and Morgan, G. (2008). **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Arena.
- Durkheim, Émile. (1996). **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: 2a. Ed. Martins Fontes.
- Durkheim, Émile. (2007). **As regras do método sociológico**. São Paulo: 3a Ed. Martins Fontes.
- Huberman, Léo. (1981). **A história da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Editora S A. Traduzido da 3ª edição publicada em 1959. Traduzido para a língua portuguesa em 1986.

- Lubich, Chiara. (2002). **A experiência economia de comunhão: da espiritualidade da unidade, uma proposta de agir econômico**. In: BRUNI, Luigino. *Economia de comunhão: uma cultura econômica em várias dimensões*. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova.
- Illich, I. (1976). **A convivencialidade**. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva.
- Marx, Karl. (2006). *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livros I, II e III.
- Mauss, Marcel. (2003). *The Gift – the form and reason for Exchange in archaic societies*. London: Routledge.
- Mészáros, István. (2004). A constituição da solidariedade. In: _____. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, p. 358-458.
- Pirenne, Henry. (1963). *História econômica e sociedade da Idade Média*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Platão. (2002). **A República**. São Paulo: Martins Fontes.
- Richardson, Roberto Jerry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- Sebe, José Carlos B. M. (2005). *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola.
- Silva, C. D. O. da. (2010). **O princípio da Solidariedade**. São Paulo: RZO Consultoria.
- Singer, Paul (2002). **Introdução a economia solidária**. São Paulo; Editora Fundação Perseu Abramo.
- Stake, Robert E. (2005). The case study method in social inquiry. In. **Educational Researcher**, 5-8. Sage.
- Walsh, Catherine. (2010). Development as Buen Vivir: institutional arrangements and (de)colonial entanglements. **Society for International Development**. *Development*, 53(1), 15-21.
- Weber, Max. (2002). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo; Martin Claret.